

Lembranças de uma amizade mais do que cinquentenária

Alkimar R. Moura[1]

1.Introdução

Agradeço aos organizadores o convite para participar deste evento para celebrar os 75 anos de Edmar. Nessa curta intervenção, vou explorar as minhas vantagens comparativas no tema, concentrando-me nas lembranças de uma longa amizade que me une ao homenageado, deixando que os aspectos ligados à sua vasta produção acadêmica sejam tratados por outros admiradores. Espero que alguns pontos aqui comentados possam ajudar a entender a formação de um economista altamente qualificado e de um cidadão exemplar.

Provavelmente, dentre todos os amigos, colegas e admiradores de Edmar que estão aqui reunidos para celebrar seus 75 anos, nenhum deles tem uma convivência tão duradoura com o homenageado quanto eu, pois ela já pode ser medida em unidades de séculos, ou seja, mais da metade de um século. Conheci-o em janeiro ou fevereiro de 1960, em Belo Horizonte, quando ambos prestávamos o exame vestibular em segunda chamada, para acesso ao curso de graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, a FACE/UFGM. Daí em diante, seguimos trajetórias rigorosamente paralelas no curso de graduação em Belo Horizonte, depois no antigo Centro de Aperfeiçoamento de Economistas na FGV/Rio (hoje EPGE), e finalmente no programa de mestrado nos Estados Unidos, ele em Yale, na Costa Leste, e eu na Universidade da Califórnia em Berkeley. Edmar continuou em Yale até o PhD, sendo um dos primeiros brasileiros a conquistar aquela titulação em uma universidade norte-americana. Eu retornei ao Brasil, iniciando uma carreira profissional como economista no setor público, no setor financeiro privado e na academia.

Ao terminar seu doutoramento, Edmar foi contratado para trabalhar com um grupo de professores americanos que prestavam consultoria econômica ao governo chileno. Vem daí o seu interesse e dedicação aos problemas econômicos da América Latina, tema que lhe rendeu inúmeros artigos acadêmicos e profissionais e que lhe granjeou merecido reconhecimento na comunidade de economistas da região.

Ao retornar ao Brasil,[2] Edmar iniciou uma profícua carreira acadêmica, começando pela FGV/Rio, a seguir, chefiou o novo departamento de economia da UNB e, de volta ao Rio de Janeiro, participou da remodelação do departamento de economia da PUC/Rio, tendo posteriormente lecionado na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) onde encerrou sua aclamada carreira acadêmica. Na UnB e PUC/RJ, ele foi capaz de arregimentar, em torno de sua liderança intelectual, grupos dos mais competentes economistas acadêmicos do país, os quais, através do ensino e da pesquisa, produziram uma sucessão de alunos qualificados, aceitos com relativa facilidade em programas de pós-graduação nas melhores universidades norte-americanas e europeias.

A carreira acadêmica do nosso homenageado inclui também posições de professor visitante em renovadas instituições internacionais, como Columbia, Yale, Stanford, Berkeley, e de pesquisador em Harvard e no MIT. Sua longa lista de participação em congressos, seminários, simpósios, ao redor do mundo, torna-o provavelmente o acadêmico residente no país com maior grau de exposição internacional na área da economia. Acresce-se a isto seu papel entre 1974 a 1985 como um dos editores do *Journal of Development Economics*, respeitável periódico internacional voltado à publicação de artigos na área de desenvolvimento econômico.

A trajetória de Edmar como pesquisador revela outra dimensão de sua múltipla personalidade, capaz de combinar, nos seus inúmeros trabalhos de pesquisa, impecável qualidade acadêmica, relevância de temas de interesse público e originalidade das propostas de ação derivadas dos trabalhos empíricos.

Destaca-se também sua presença marcante no debate público de questões econômicas, as mais candentes, que permearam as discussões de alguns temas críticos da economia brasileira nas últimas décadas. Tópicos como distribuição de renda e desigualdade, inflação, abertura comercial, política cambial, integração competitiva, entre outros, foram todos eles tratados por Edmar com tal maestria que alguns de seus trabalhos transformaram-se em referência obrigatória, tanto na literatura acadêmica, quanto nos textos mais convencionais de artigos na imprensa. Em ambos os canais, a ressonância de alguns de seus textos foi eloquente e duradoura. Basta lembrar a repercussão da fábula de Belíndia, uma síntese de nossas mazelas econômicas e sociais, refletida em uma sociedade com profundas diferenças de renda e de oportunidades. Duro é constatar que, após tantos anos de sua publicação, a alegoria de Belíndia continua tão nítida e verdadeira, como uma síntese de nossa sedução pelo abismo da desigualdade e da indiferença pela sorte dos menos favorecidos.

Como consultor econômico governamental, sua participação foi decisiva no grupo de economistas que trabalhou na formulação, preparação e implantação do Plano Real. Além de sua contribuição intelectual nos debates internos que antecederam a elaboração daquele programa de estabilização, coube-lhe também o papel de funcionar como elemento de ligação entre a equipe econômica e o Congresso Nacional, o que certamente facilitou a aprovação do Plano pelos congressistas. Deu-se tão bem naquele papel que ganhou a alcunha de Senador Bacha pelos membros da equipe econômica.

Edmar também atuou como gestor público, ao assumir a presidência da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em um momento particularmente sensível na vida daquela instituição. Constituiu uma diretoria tecnicamente respeitável e comprometida com o resgate da importância do IBGE na produção e divulgação de estatísticas que pudessem retratar com fidedignidade a realidade econômica e social do país.

No setor privado, atuou como consultor sênior do Banco BBA e também como responsável pela implantação e principal executivo, por um certo período, da *broker-dealer* do BBA em Nova York. Foi também presidente da ANBID, hoje ANBIMA, a mais importante associação empresarial de instituições dos mercados financeiros e de capitais.

2. A formação de economista na turbulenta década de sessenta do século passado.

Em uma instituição como a FACE/UFMG, em que estudantes e professores de economia conviviam com alunos e professores das áreas de sociologia e política, em uma época de profunda conturbação social, era inevitável que os primeiros também se envolvessem nos acalorados debates que ocorriam nos corredores da Faculdade, que já mostravam a separação entre direita e esquerda e que prenunciavam o movimento militar de março de 1964. Provavelmente, para o bem ou para o mal, a FACE era certamente a instituição de ensino superior mais politizada do país à época, com intensa presença nos debates políticos e nas disputas por cargos nos centros e diretórios acadêmicos entre os vários grupos em que se subdividia a esquerda estudantil, e onde também atuavam os estudantes vinculados à Juventude Universitária Católica (JUC) e à Política Operária (POLOP). Em contrapartida, como a FACE abrigava também cursos de graduação em administração pública e de empresas, formou-se em consequência um grupo de estudantes

com intensa atuação política conservadora. Pode-se imaginar então o calor dos embates ideológicos que incendiava qualquer reunião de universitários naquele ambiente constantemente em ebulição.

Edmar provém de uma família culta, com preferência política pelas posições ditas progressistas. Sem abandonar tais princípios, ele não se envolveu nas intermináveis querelas ideológicas, preferindo concentrar sua energia intelectual nos temas macroeconômicos, principalmente a partir do terceiro ano do curso de graduação, sob a influência de textos de clara inspiração keynesiana. A Cambridge da Inglaterra e não a Cambridge de Massachusetts parecia-nos então o lugar ideal para que um jovem com pretensões acadêmicas pudesse continuar seus estudos no exterior, em um programa de pós-graduação.

Durante os quatro anos do curso de graduação, Edmar foi admitido em um programa de bolsas de estudos mantido pela própria Faculdade, que permitia que alunos e alguns professores permanecessem em tempo integral, com compromissos de bom desempenho acadêmico e de elaboração de monografias no fim de cada ano. Em todos os anos, ele conseguiu compatibilizar suas obrigações como bolsista e seu trabalho como redator de anais da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, onde ele foi capaz de aperfeiçoar sua capacidade de escrever tão bem e com um estilo tão próprio, que até hoje constituem um presente para os leitores de seus textos, mesmo aqueles mais voltados aos temas estritamente econômicos.

As principais influências intelectuais sobre os bolsistas emanavam de textos de economistas da Cepal (Raul Prebisch, Anibal Pinto e Oswaldo Sunkel), de publicações e artigos na imprensa por alguns dos membros do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), como Guerreiro Ramos, Roland Corbisier, Helio Jaguaribe, Ignácio Rangel. Com a publicação da Formação Econômica do Brasil, Celso Furtado assumiu uma liderança intelectual indiscutível na profissão, ao propor uma abordagem para a evolução da economia brasileira que funcionava de acordo com os princípios macroeconômicos então aceitos. No campo conservador, começava a despontar a inteligência luminosa de Mario Henrique Simonsen e os artigos mordazes de Roberto Campos e de Eugenio Gudín constituíam um instrumento implacável para criticar as políticas governamentais baseadas na excessiva intervenção do Estado nas atividades econômicas. Data também dos meados dos anos sessenta o encontro de Edmar com o Prof. Werner Baer, na sua primeira visita a Belo Horizonte, encontro este que foi determinante para influenciar a futura carreira acadêmica do jovem universitário.

Três temas econômicos principais dominavam as discussões no período: a hipótese da tendência secular à deterioração dos termos de troca entre países produtores de matéria prima e aqueles produtores de bens industrializados; a hipótese de Ignacio Rangel sobre a existência de capacidade ociosa na economia brasileira; e o debate entre monetaristas e estruturalistas na explicação para a inflação no Brasil. É interessante constatar que estes três temas nunca desapareceram do universo das preocupações de Edmar como economista, pois ele voltou a tratar deles mais tarde, já como um teórico consagrado e usando um instrumental mais avançado.

No final do último ano, Edmar foi aprovado no exame de seleção para um curso destinado a preparar recém-formados em economia para admissão a estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, mantido pelo antigo Centro de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE) do IBRE/FGV, hoje Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE). Além dele, outros 3 candidatos mineiros foram aprovados: Flavio Rabelo Versiani, José Carlos de Oliveira e o autor destas notas. Note-se que os mineiros

conquistaram o primeiro lugar nos três testes de admissão ao programa: economia, raciocínio quantitativo e inglês. Menciona-se isto para atestar um dos impactos benéficos do programa de bolsas mantido na FACE/UFMG, cujas repercussões não se restringiram aos alunos de ciências econômicas, mas alcançaram também os estudantes de sociologia e de ciências políticas. A transformação produzida pelo programa de bolsas permitiu que, no curto período de 10 anos, a FACE/UFMG se tornasse a melhor do país nas áreas de economia e sociologia. Na verdade, os bolsistas dela provenientes tiveram uma participação importante na criação e/ou na consolidação de programas de mestrado e de doutorado que começavam a ser implantados no país, como por exemplo, os do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), onde Edmar teve um papel destacado, como já mencionado, e a criação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), que contou com a colaboração inicial de vários sociólogos e cientistas políticos provenientes da FACE/UFMG.

Ressalte-se também o papel de muitos ex-bolsistas na gestão pública, nos três níveis de governo, seja como ministros de estado, secretários de governos estaduais, assessores ou mesmo como executivos em empresas públicas. Um número menor escolheu trabalhar como economistas no setor privado, sobretudo nas instituições financeiras e no mercado de capitais. E alguns trilharam uma carreira em órgãos internacionais.

Sem desmerecer os inúmeros profissionais egressos daquele programa de bolsas de estudos, pode-se dizer que Edmar sintetiza, na área de economia, o melhor exemplo do retorno social a longo prazo daquele projeto inovador de educação concebido e implementado em uma acanhada faculdade de Belo Horizonte nos idos das décadas de cinquenta e sessenta do século passado.

3. De Minas para o mundo

Em janeiro de 1964, Edmar e seus colegas mineiros mudaram-se para o Rio, para iniciar o curso de aperfeiçoamento na FGV, ainda nas modestas instalações do antigo prédio na Praia de Botafogo. O objetivo do curso era preparar os economistas recém-formados para serem admitidos em universidades americanas, para o prosseguimento de seus estudos de pós-graduação naquelas instituições de ensino.

Nesse curso, o jovem professor Mario Henrique Simonsen, responsável pelas disciplinas de Matemática, Micro e Macroeconomia, encantava seus alunos pela inteligência, conhecimento teórico, clareza expositiva e bom humor -- uma notável diferença em relação à maioria dos professores universitários das Faculdades de Ciências Econômicas, muitos deles egressos das Faculdades de Direito, formados dentro da tradição do ensino de Economia Política das universidades francesas. Essa nova orientação metodológica e de conteúdo foi importante para preparar os alunos para os desafios de aprender teoria econômica dentro da vertente intelectual anglo-americana, que combinava sólidos fundamentos teóricos com uma necessária base quantitativa, que cumpria a dupla função de facilitar a formalização de hipóteses e a condução de testes empíricos destinados a submetê-las aos critérios de validação científica.

Edmar concluiu com sucesso as disciplinas do primeiro módulo preparatório, tendo sido aceito no programa de mestrado no departamento de economia na Yale University, em New Haven, CT, para onde se mudou em agosto de 1964. Sua escolha de Yale deveu-se muito à influência de um professor daquela universidade que teve um papel de relevo na admissão de muitos estudantes brasileiros nos programas de pós-graduação em várias universidades americanas. Refiro-me à figura ímpar já mencionada do saudoso Prof. Werner Baer, um dos mais conceituados brasilianistas e diretamente responsável

pela elevação do nível de qualificação dos professores e pesquisadores brasileiros em economia.

Seu desempenho no programa de mestrado foi tão bom que ele foi admitido diretamente no segundo ano do programa de doutoramento da mesma universidade, um dos raros casos de ex-alunos do CAE promovidos da “esteira” de MA para a de PhD. Depois de cumprir as exigências acadêmicas e passar nos exames “comprehensive”, ele iniciou seu projeto de tese procurando modelar e estimar econometricamente o mercado mundial de café e a participação brasileira naquele mercado. Como sabe quem se dispõe a submeter as hipóteses teóricas a testes empíricos em economia, o trabalho é penoso e às vezes frustrante, mas o jovem candidato manteve-se fiel à proposta original e conseguiu a titulação em 1968.

Após concluir seu doutoramento, Edmar inicia uma carreira com vários desdobramentos, como se mencionou acima: consultor internacional, professor, chefe de departamento de economia em instituição acadêmica, consultor de ministro da Fazenda, consultor de instituição financeira, presidente de instituição oficial de pesquisa, presidente de banco de desenvolvimento, coordenador de centro privado de pesquisa e debates.

Em todas estas posições, desempenhou um papel importante, provendo uma incontestável liderança intelectual, ao lado de atributos raros nestas paragens tropicais, como compromisso com padrões éticos, gestão compartilhada, preocupação com eficiência no setor público e apreço pela meritocracia.

Como articulista da imprensa, ele não se furtou ao debate público de questões econômicas que impediam que a sociedade brasileira atingisse níveis decentes de bem estar, tais como, inflação, distribuição de renda, política salarial, emprego, política comercial. Teve artigos publicados nos principais órgãos da imprensa brasileira, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Edmar teve um papel relevante na criação e consolidação de uma instituição ímpar no país, como sócio-fundador e diretor deste Instituto de Estudos de Política Econômica da Casa das Garças, (IEPE/CdG), um “think-tank” que reúne acadêmicos, empresários e políticos em um ambiente de completa liberdade, para a discussão dos principais problemas econômicos, sociais e políticos que constroem o avanço da sociedade brasileira. Essa iniciativa foi tão bem sucedida que propiciou o aparecimento de uma instituição análoga em São Paulo, o Centro de Debates de Políticas Públicas (CDPP), que veio oxigenar o rarefeito ambiente intelectual paulista e que tem realizado, nos últimos anos, uma série de encontros altamente estimulantes para debater os desafios para aumentar a eficiência das políticas governamentais.

4. Conclusão

Por todas estas qualificações, seus amigos e admiradores estão aqui juntos para festejar uma trajetória de uma vida admirável, digna de permanecer como exemplo para as futuras gerações de acadêmicos, de gestores públicos e de cidadãos, comprometidos com o processo de desenvolvimento econômico do país, dentro de um regime de liberdade de mercado, com instituições de regulação e supervisão que funcionem, amparados por uma moldura ética inatacável.

No momento em que o país enfrenta a pior crise de sua história, causada pela superposição de crises econômicas, sociais, políticas e éticas, existe muito desencanto com o funcionamento dos processos decisórios típicos de uma sociedade de massas. Corre-se o risco de a sociedade ser levada a procurar atalhos para evitar as duras escolhas

que ela terá que enfrentar. Dispensem-se os líderes providenciais em favor de homens dotados de competência, lucidez e espírito público, para o trabalho coletivo de reconstrução de uma sociedade que se esfarela diuturnamente em um espetáculo público de desintegração rumo à entropia.

Edmar é um destes varões com as qualidades intelectuais e éticas para ajudar o país a superar esta travessia tenebrosa. Tenho a convicção de que ele irá continuar contribuindo para este esforço coletivo, com seus artigos, palestras e participação nos debates públicos, não apenas para discutir opções de políticas econômicas sustentáveis, mas também para indicar aquelas que constituam desvios populistas que não respeitam as mais elementares restrições econômicas temporais ou não atendam os mínimos critérios de justiça redistributiva. Portanto, além de festejar a trajetória do homenageado, estamos incentivando a sua contínua presença nos debates públicos vindouros, como garantia de um mínimo de racionalidade econômica, sem abdicar da elegância do estilo literário e do bom humor.

Vale a pena terminar com uma citação extraída de um texto de despedida do notável cientista inglês Oliver Sacks, escrito ao saber que lhe restavam poucos meses de vida, pois tinha sido diagnosticado com uma metástase de insidiosa doença, da qual veio a sucumbir aos 82 anos de idade. As circunstâncias são bem diferentes e nosso homenageado terá pela frente longos anos de uma vida produtiva e prazerosa, para alegria de familiares, amigos e admiradores. Afinal, o recente diploma de imortal outorgado pela Academia Brasileira de Letras não tem apenas um valor simbólico, mas representa um compromisso do seu titular em legar aos contemporâneos um exemplo de vida longa e plena em todos os sentidos.

Vamos, portanto, às palavras finais de Sacks:

“Não penso na velhice como uma fase cada vez mais penosa que é preciso suportar e levar o melhor possível, mas como um período de liberdade e tempo descomprometido, sem as infindáveis urgências de outrora, livre para explorar o que eu quiser e para amarrar os pensamentos e sentimentos de toda uma vida. Não vejo a hora de fazer oitenta anos.”

Que nosso homenageado possa considerar este momento de alegria de chegar aos 75 anos como o começo de “um período de liberdade e tempo descomprometido, sem as infindáveis urgências de outrora, livre para explorar o que quiser e para amarrar os pensamentos e sentimentos de toda uma vida”.

[1] Agradeço a Edmar Bacha as sugestões que melhoraram o texto e estabeleceram a cronologia correta de alguns fatos aqui narrados.

[2] Sobre a sua volta ao Brasil, vale a pena mencionar um fato pitoresco: ao desembarcar no antigo Aeroporto do Galeão, em plena ditadura militar, a Alfândega confiscou seus livros considerados subversivos, pois o primeiro deles era o conhecido *The Keynesian Revolution*, de Lawrence Klein. A liberação de tal bagagem perigosa exigiu a interferência do Ministro Delfim Netto, a pedido do Prof. Otavio Gouvêa de Bulhões.